

Juan Aurelio Pérez Macias
Artur Martins
Macarena Bustamante Alvarez
Josefa Lagares Rivero

IN ABDITAS TERRAS

INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM ALJUSTREL



Ediciones
consulcom®

© Juan Aurelio Pérez Macías, Artur Martins, Macarena Bustamante Álvarez, Josefa Lagares Rivero

Diseño de portada: Raquel F. Conde Gonçalves Martins

Foto portada: Chimenea de Transtagana, de Marcos Arroyo Jávega

Maquetación y edición: Ediciones Consulcom

ISBN: 978-84-939602-2-3

Dep. Legal: H-242-2012

Imprime: Ediciones Consulcom

WWW.LIBROS  AGOTADOS.es

V

A IDADE DO BRONZE NO MORRO DE MANGANCHA

António M. MONGE SOARES

O Morro de Mangancha corresponde a uma colina oblonga, cujo eixo maior tem uma direcção NO-SO, sendo o substrato de jaspe, de cor escura em tons avermelhados, o qual aflora nas suas extremidades NO e SE. Com cerca de 210m de altitude, destaca-se na paisagem, nos arredores de Aljustrel, a Oeste. Situa-se na vizinhança imediata da mina de São João do Deserto, que lhe fica a Sul, e a cerca de 2km da mina de Algares.

As encostas de Mangancha são bastante inclinadas, com excepção do topo SE, que se liga por um “istmo” ao morro de Nossa Senhora do Castelo, este com ocupações do Neolítico Final/Calcolítico e da Época Medieval¹³⁴. O cimo da colina é aplanado. Na vertente norte existem, pelo menos, dois ou três taludes que delimitam outras tantas plataformas, a indiciar ocupações da Época Romana Republicana e anteriores, cujos vestígios artefactuais – cerâmica mais ou menos rolada – se encontra em prospecção superficial. Na vertente sul, também existiriam esses taludes e plataformas, mas os revolvimentos do terreno, efectuados para a plantação de eucaliptos, destruíram ou mascaram essas estruturas.

Claude Domergue e Rui Freire de Andrade, em 1967 e 1969, procederam a duas sondagens arqueológicas na Mangancha (e também no chapéu-de-ferro de Algares) tendo em vista a identificação de ocupações humanas ligadas eventualmente à exploração das minas de Aljustrel. Os resultados dessas sondagens foram publicados

¹³⁴C. RAMOS, A. MARTINS, J. MURALHA e A. ESTORNINHO, O Castelo de Aljustrel. Campanhas de 1989 a 1992...; A. ESTORNINHO, A. MARTINS, C. RAMOS e J. MURALHA, “O povoamento da área de Aljustrel...”; e A. MARTINS, J. MURALHA, A. ESTORNINHO e C. RAMOS, O povoamento da área de Aljustrel

de forma sumária na revista *Conimbriga*¹³⁵, projectando os autores uma publicação futura, detalhada, dos mesmos, o que infelizmente não se veio a verificar. Essas sondagens foram efectuadas: a primeira (3x3 m), no bordo norte da primeira plataforma da vertente norte, e a segunda (4x3 m), a cerca de 50 m a NW da primeira, englobando o primeiro talude que delimita, a norte, o cimo aplanado do morro da Mangancha. Os resultados permitiram aos autores identificar uma ocupação romana atribuível aos séculos. II e I a.C. e uma outra, mais antiga, atribuível aos séculos X-IX a VII-VI a.C., a qual se destacava por uma grande quantidade de cerâmica de ornatos brunidos, “*céramique à décor géométrique tracé au brunissoir*”, e por alguma cerâmica denotando já influências orientalizantes¹³⁶. Estas sondagens efectuadas na Mangancha parecem vir na sequência de outras (“*rapides sondages*”) sob a responsabilidade de Rui Freire de Andrade¹³⁷, de que não há qualquer publicação, efectuadas na área agora ocupada pelos eucaliptos, e visavam também clarificar a identificação das ocupações do sítio então indiciadas. A primeira ocupação do “*Castro de Manganche*” tinha sido atribuída à “Idade do Cobre”, tendo por base um fragmento cerâmico com decoração brunida¹³⁸. Por outro lado, as sondagens de 67 e 69 permitiram, segundo Claude Domergue e Freire de Andrade, para além de precisar cronologias, verificar que os minérios de Aljustrel tinham sido explorados pela ocupação dos séculos. II e I a.C. da Mangancha, cujos habitantes se teriam posteriormente transferido para a área do chapéu-de-ferro de Algares para continuar essa exploração, mas não pelos habitantes do Bronze Final e do Período Orientalizante da Mangancha, os quais não teriam qualquer ligação à mineração. Estas inferências baseiam-se na ausência de fragmentos de minério e de escórias nas camadas correspondentes à primeira ocupação da Mangancha, o que não sucedia com as ocupações de cronologia da Época Romana, onde esses vestígios tinham sido registados.

Uma vez que, como atrás se referiu, os dados das sondagens de 67 e 69 nunca foram publicados com detalhe, designadamente os referentes à ocupação do Bronze Final e Orientalizante, julgámos que seria de interesse fazê-lo, agora, no balanço das

¹³⁵C. DOMERGUE e R. F. ANDRADE, *Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal)*...

¹³⁶C. DOMERGUE e R. F. ANDRADE, *Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal)*..., 114 e 115.

¹³⁷C. DOMERGUE e R. F. ANDRADE, *Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal)*..., 103.

¹³⁸V. LEISNER, *Innenverzierte Schalen der Kupferzeit auf der Iberischen Halbinsel*, *Madridrer Mitteilungen*, 2 (1961), 25, figura 12.

intervenções arqueológicas realizadas de 2006 a 2008 em Aljustrel, e também como base para as intervenções que nos propomos realizar, no futuro próximo, na Mangancha. Os artefactos recuperados nessas sondagens tinham sido depositados pelos seus responsáveis no Museu da Mina de Aljustrel e tínhamos ao nosso dispor os Relatórios, apresentados na altura, à Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, os quais, além do Relatório propriamente dito, contêm uma listagem sumária dos artefactos recuperados e depositados *“avec les inventaires”* no Museu. Infelizmente, e como é habitual, muito deles – artefactos e inventários – desapareceram, perdidos nas diversas mudanças que as colecções do Museu em causa têm sofrido. Assim, dos cerca de 70 artefactos da primeira sondagem e dos cerca de 20 da segunda provenientes da primeira ocupação da Mangancha, apenas pudemos identificar desse conjunto 45 e 8 artefactos, respectivamente. Dos 45 fragmentos de cerâmica decorados apenas encontramos 22. Se a estes factos se acrescentar que, tudo o indica, apenas as cerâmicas decoradas, os bordos, os fundos e as asas terão sido recolhidas na intervenção de campo, tal como era muito habitual na época, pode-se imaginar quanto a amostragem que está na base deste re-estudo dos dados da primeira ocupação da Mangancha se encontra enviesada. De qualquer modo, e apesar disso, dado o interesse de muito do material que resta, julgamos que vale a pena a publicação deste conjunto artefactual associado à ocupação do Bronze Final/Período Orientalizante do Morro de Mangancha.

Nas figuras 13 a 17 encontra-se a representação gráfica dos artefactos cerâmicos que foi possível analisar. Encontram-se representados todos os decorados, bem como os bordos, fundos e asas que permitem reconstruir, total ou parcialmente, as formas cerâmicas a que pertencem. Deverá sublinhar-se que a maior parte destes artefactos provêm da sondagem de 1967, da camada 3 com uma espessura média de 35 cm e que se sobrepunha à rocha de base. Foi assim descrita no Relatório apresentado por Claude Domergue e Freire de Andrade à Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes: *“terre noire, assez meuble, mêlée de nombreux petits blocs de pierre.”* *“Cette couche repose directement sur le jaspe en place, et atteint des profondeurs variant entre 1m et 1,40m. La céramique est abondante. Absence de minerais et de scories”*. No que se refere à sondagem de 1969, a estratigrafia não é tão simples como a da primeira sondagem. Logo abaixo da camada superficial foi identificado um muro (muro A) que dividia a sondagem em duas áreas com estratigrafias algo diferentes. Assim, na área norte, após uma camada com materiais dos séculos II e I a.C., seguia-

se uma outra¹³⁹ (camada 2, entre os 0,55 m a 1 m) de *“terre rouge, compacte, mêlée de petits cailloux. Elle repose sur un sol fait, là où la roche en place est la plus profonde, de grandes dalles de pierres”(...)* *“A cette couche appartiennent le mur A et le mur C qui lui est perpendiculaire” (...)* *“nous n’avons plus rien de romain. Il s’agit d’une poterie à forte proportion de dégraissant, modelée et lissée plus ou moins régulièrement”*. A esta camada seguia-se uma outra¹⁴⁰ (camada 3, entre 1m e 1,10m) que *“repose directement sur le jaspe” (...)* *“Cette couche était recouverte entièrement par le sol dont nous avons parlé à propos de la couche 2. La même céramique que dans la couche 2 se retrouve ici, mais à l’état de fragments plus caractéristiques: bords de vases, tessons décorés au brunissoir, dont le sondage S 1 de 1967 avait livré une abondante moisson. A noter enfin, toujours sous les dalles, deux tessons intéressants: une anse demi-circulaire en boudin, qui rappelle les anses d’amphores phéniciennes; la pâte en est rouge; d’autre part, un tesson de panse d’amphore taillé en forme de bouchon”*. A sul do muro A, a estratigrafia era semelhante – apenas as espessuras e cotas das camadas eram ligeiramente diferentes. Seria de destacar na camada 3 *“La découverte intéressante est celle d’une fibule de bronze, coincée sous une pierre, au-dessous du sol; elle est en mauvais état, mais son étude permettra sans doute de dater, au moins approximativement, cette couche et la céramique décorée au brunissoir qui s’y trouve”*.¹⁴¹ Infelizmente a fíbula não chegou até nós e Claude Domergue e Freire de Andrade não se lhes referem no artigo que publicaram na *“Conimbriga”*. No entanto, a asa de ânfora chegou até nós (figura 8: 2); deverá acrescentar-se que a pequena argola de ferro (figura 8: 6), provém da mesma camada a norte do muro A. Uma asa bífida (figura 8: 3), encontrada em prospecção superficial, poderá ser contemporânea dos artefactos referidos e que apontam, tal como os responsáveis pela intervenção de campo na Mangancha referiram, para que a primeira ocupação da Mangancha terminasse já no Período Orientalizante.

Mas, como se mencionou atrás, uma parte apreciável do conjunto artefactual recolhido na Mangancha consiste em cerâmica com decoração brunida (figura 13: 4 e 5; figura 5: 4, 5, e 8-11; figura 15: 1-3, 8 e 9; e figura 16: 1-5). A decoração de ornatos brunidos surge sempre na superfície externa, com uma única excepção (figura 14: 5),

¹³⁹ Relatório de 28 de Julho de 1969 apresentado à Direcção-Geral do Ensino Superior e Belas Artes, 4.

¹⁴⁰ Relatório de 28 de Julho de 1969..., 4 e 5.

¹⁴¹ Relatório de 28 de Julho de 1969..., 5.

o qual se encontra decorado nas superfícies interna e externa. A decoração brunida foi efectuada em superfícies simplesmente alisadas, mas mais frequentemente polidas ou engobadas polidas; predominam as cores castanhas e cinzentas, de tonalidades escuras, sendo os traços e faixas dos motivos geométricos decorativos, mais brilhantes e mais escuros do que as superfícies onde foram realizados. As combinações dos motivos brunidos são diversas e as mais usuais consistem em faixas brunidas donde partem ou então enquadram traços brunidos formando redes ou conjuntos de paralelas. Os traços podem, por si só, formar também triângulos ou losangos, como na magnífica decoração de losangos concêntricos (figura 14: 8) ou, mais raramente, dispõem-se caoticamente (figura 14. 11). Por vezes, como nas taças carenadas (figura 13: 4 e 5), a decoração consiste apenas num alinhamento de pequenos segmentos de rectas oblíquas contornando a carena pela sua parte superior. As decorações brunidas, tal como é comum no sudoeste português, são aplicadas quer às pequenas taças carenadas, como as atrás referidas (figura 14: 4 e 5), quer a vasos de provisões de dimensões razoáveis (figura 16: 1 e 2). Estas decorações brunidas da cerâmica recuperada na Mangancha filiam-se no mundo da decoração brunida do Sudoeste português e, muitas delas, têm paralelos estreitos em cerâmicas deste tipo recolhidas nos povoados do Bronze Final da bacia do Guadiana¹⁴². De igual modo, as cerâmicas não decoradas (figuras 13 a 16), que acompanham as de decoração brunida, têm formas que são vulgares nos sítios de *habitat* do Bronze Final da Bacia do Guadiana. Refira-se que, muitas delas, apesar de não apresentarem decorações brunidas, apresentam-se, no entanto, com a superfície externa ou ambas as superfícies, no caso das taças carenadas, brunidas. As pegas mamilares, perfuradas ou não, são também comuns, bem como os fundos com *omphalos*, designadamente nas taças carenadas.

Para além da decoração brunida, outras decorações foram registadas no povoado da Mangancha. É o caso do fragmento cerâmico (figura 16: 6) com uma decoração similar, nos motivos geométricos, à decoração de ornatos brunidos, mas obtida a partir de uma pintura de cor branca sobre uma superfície de cor sépia escura. Não conhecemos paralelos para esta cerâmica pintada em contextos pré ou proto-históricos no sul alentejano. O paralelo mais próximo poderá ser alguma da cerâmica

¹⁴²A.M.MONGE SOARES, Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/1 (2005), 111-145.

com pintura branca de Medellín, que Torres Ortiz atribui ao Período Orientalizante¹⁴³. Provem da camada de base da sondagem de 1967.

Também provenientes dessa camada estratigráfica são os dois únicos fragmentos cerâmicos com decoração incisa (figura 15: 10 e 11). Triângulos, preenchidos com linhas paralelas, levemente incisos, dispostos numa banda em paralelo abarcando a periferia do vaso têm sido registados em contextos do Bronze Final das Beiras associados a cerâmica de ornatos brunidos¹⁴⁴, mas no Castro dos Ratinhos, na margem esquerda do Guadiana, um vaso com esta decoração provem já de um contexto com influências orientalizantes¹⁴⁵.

Por fim, foi igualmente recuperado na intervenção de campo de 67 na Mangancha um fragmento de um vaso com diversas impressões digitadas na superfície externa (figura 15:12). Claude Domergue e Freire de Andrade dão conta do aparecimento deste vaso *“un fragment de marmite décorée d'impressions digitales, céramique fréquente dans ces mêmes niveaux dits «phéniciens» d'Espagne méridionale et du Maroc»*¹⁴⁶. No Castro dos Ratinhos cerâmica com este tipo de decoração apareceu associada a contexto atribuível ao Bronze Final¹⁴⁷.

São estes os dados que foi possível recuperar e analisar das intervenções de Claude Domergue e Rui Freire de Andrade na Mangancha, nos já distantes anos de 1967 e 1969. Parece-nos que as duas sondagens revelaram, no que diz respeito à primeira ocupação do sítio, duas realidades algo diferentes, mas que necessitam de ser esclarecidas e precisadas em futuras intervenções. Se a sondagem de 67, na plataforma superior da encosta norte, revelou uma ocupação que parece atribuível ao Bronze Final, mas onde alguma cerâmica decorada poderá já revelar influências orientalizantes, na de 69, efectuada no cimo do morro da Mangancha, essas influências revelam-se com nitidez. A atribuição de uma cronologia absoluta, fiável e precisa, para toda essa primeira ocupação da Mangancha constituirá também um dos

¹⁴³ M. TORRES ORTIZ, Cerâmica pintada de tipo Medellín, em M. ALMAGRO-GORBEA, *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*, Madrid (2008), 724-733.

¹⁴⁴ J.C. SENNA-MARTINEZ, O Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão, *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa (1995), 61-69; e R. VILAÇA, *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, *Trabalhos de Arqueologia*, 9, Lisboa (1995).

¹⁴⁵ A.C. SILVA e L. BERROCAL-RANGEL, O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/2 (2005), 154, figura 12.

¹⁴⁶ C. DOMERGUE e R. F. ANDRADE, *Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal)...*, 114.

¹⁴⁷ A.C. SILVA e L. BERROCAL-RANGEL, O Castro dos Ratinhos (Moura)..., figura 10.

objectivos de uma intervenção futura no sítio. Tal como constituirá também um objectivo verificar se esses primeiros ocupantes praticavam ou não a mineração e a metalurgia do cobre no local. Os responsáveis pelas intervenções de 67 e 69 julgaram que a evidência recolhida no local apontava para que essas actividades não seriam então praticadas na Mangancha, uma vez que não registaram a ocorrência nem de minerais de cobre, nem escórias nas camadas estratigráficas que lhe correspondiam. No entanto, não era conhecido, na altura, que nos processos de redução dos minérios de cobre, que eram essencialmente os óxidos e carbonatos, se utilizavam as designadas “vasilhas-forno” o que originava a produção de quantidades muito pequenas de escórias e de pequena dimensão, por conseguinte, muito diferentes das produzidas em operações de “smelting” com adição de fundentes, como irá ocorrer durante a Época Romana o que as torna difíceis de identificar sem uma crivagem cuidada e um exame igualmente cuidado por um técnico experiente. Em prospecção superficial, é vulgar encontrar-se na Mangancha pequenos fragmentos de xisto contendo minérios verdes de cobre (malaquite), o que faz com que a interrogação sobre a fixação de habitantes durante o Bronze Final e o Período Orientalizante naquele sítio continue uma questão em aberto.

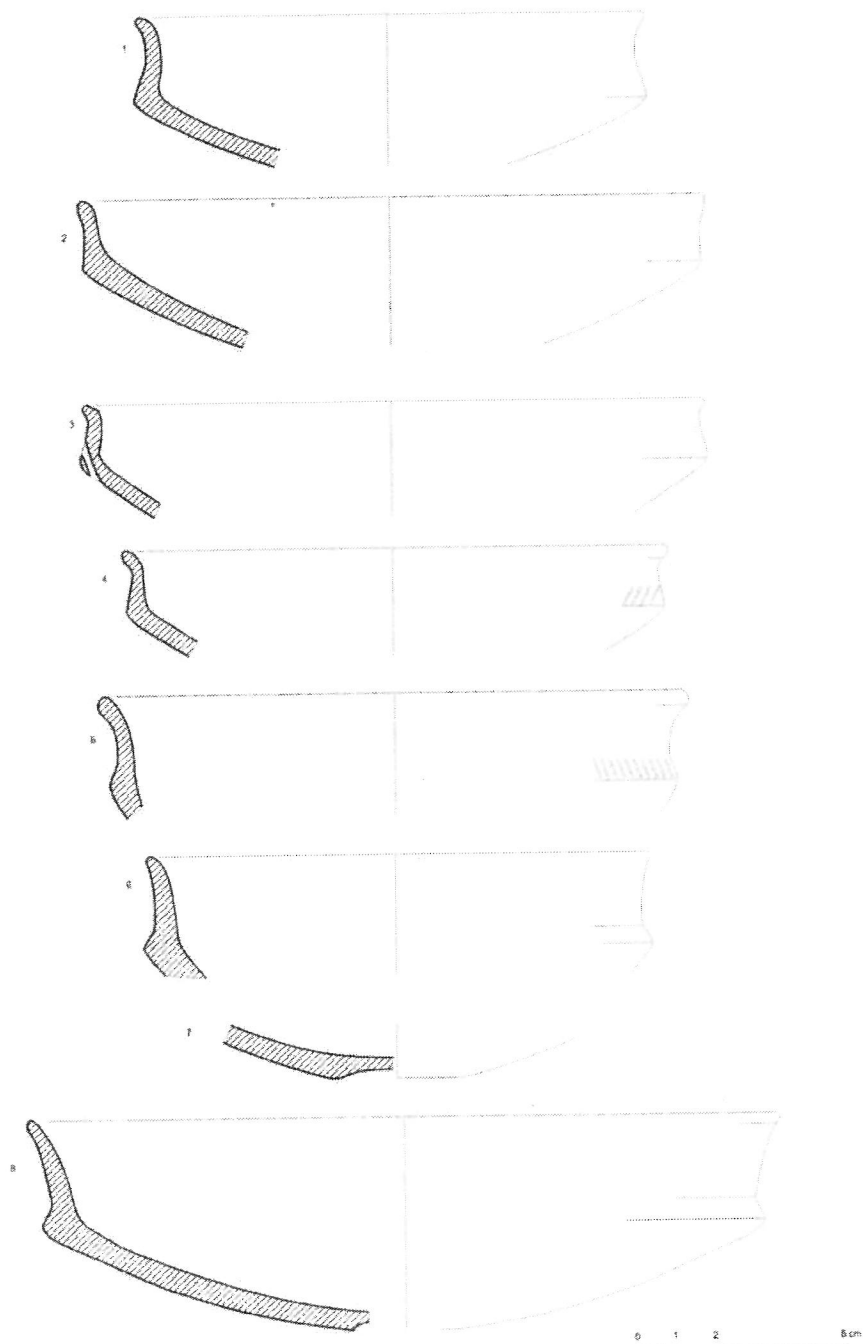


Figura 13. Cerâmicas proto-históricas do Morro de Mangancha.

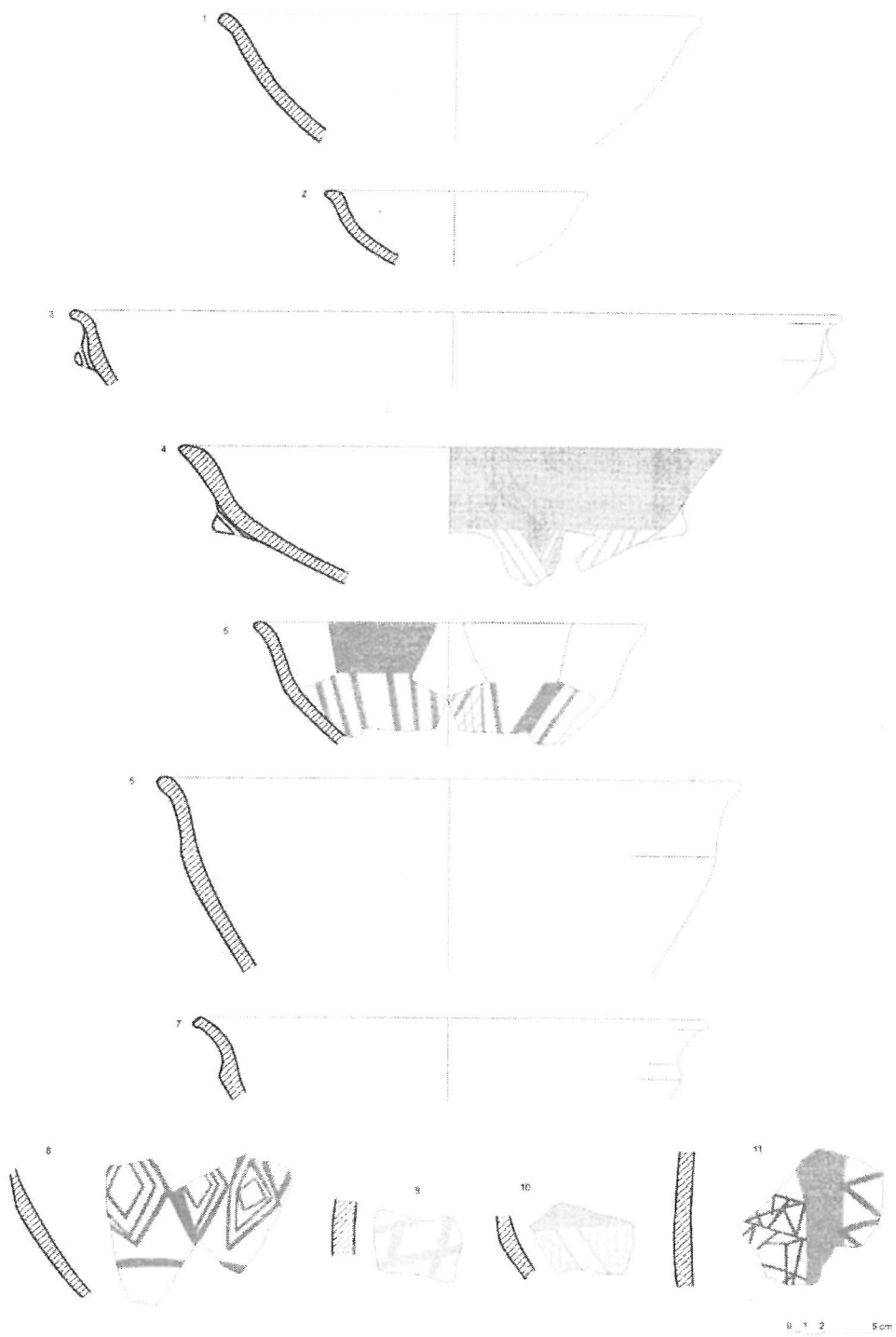


Figura 14. Cerâmicas proto-históricas do Morro de Mangancha.

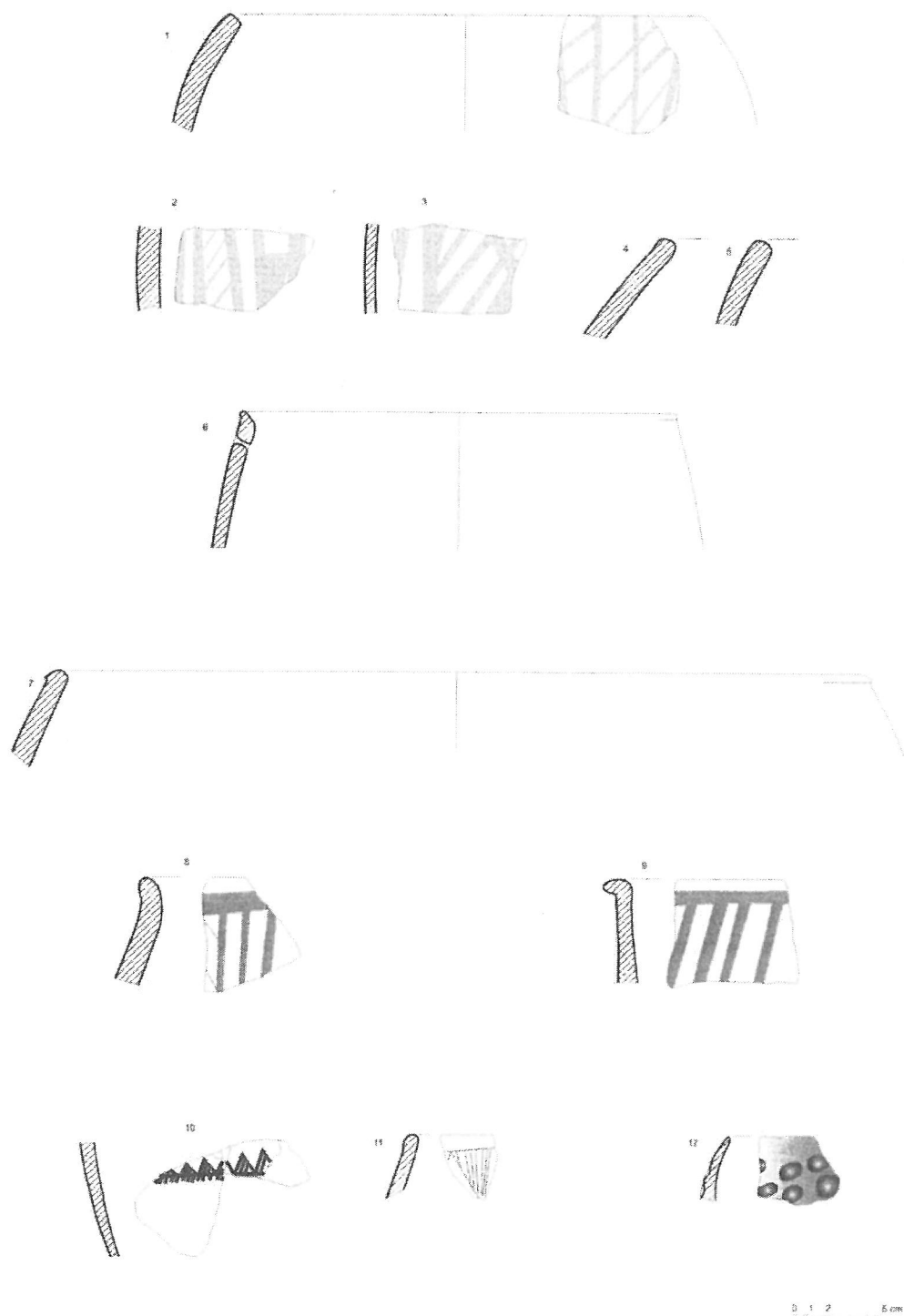


Figura 15. Cerâmicas proto-históricas do Morro de Mangancha.

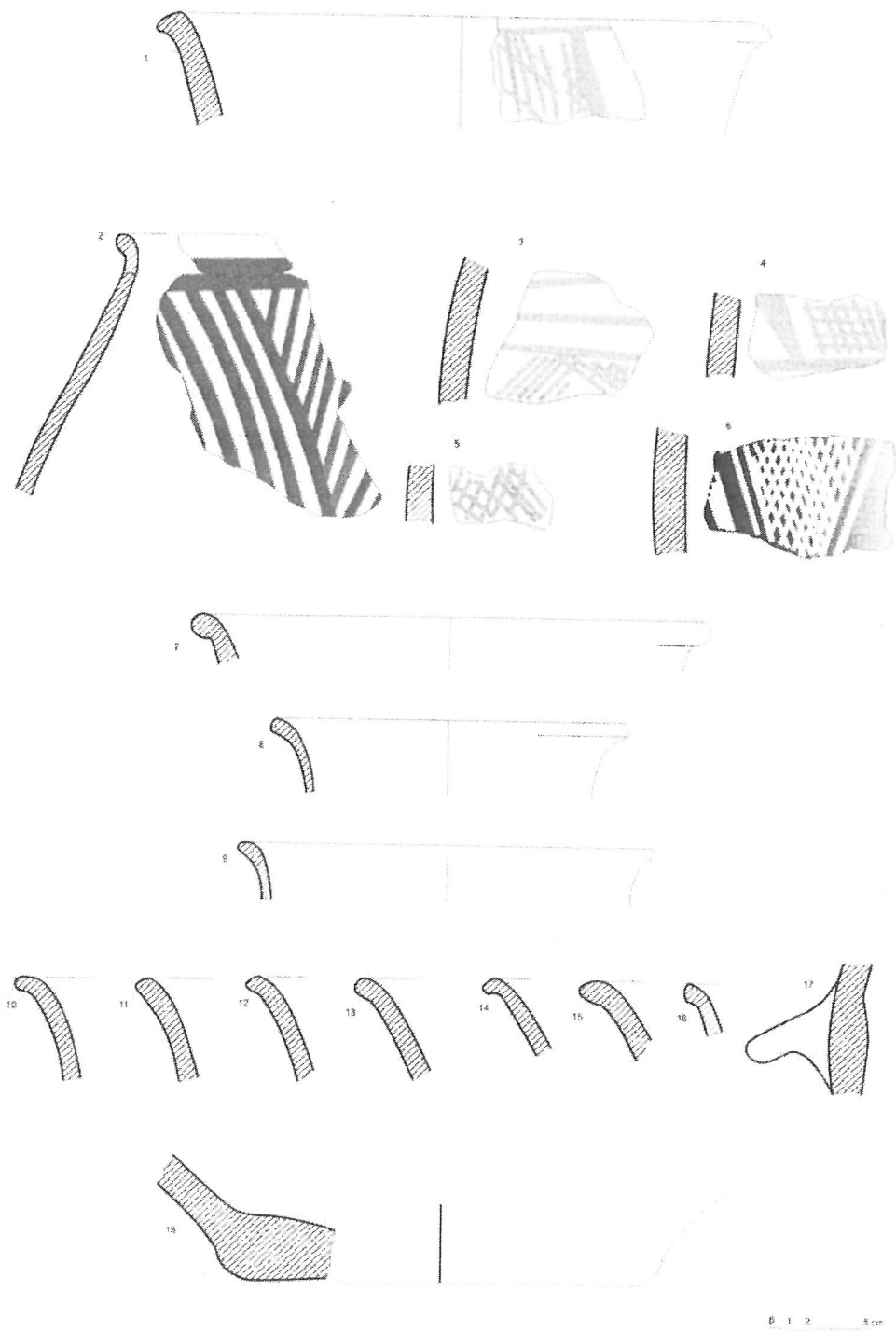


Figura 16. Cerâmicas proto-históricas do Morro de Mangancha.

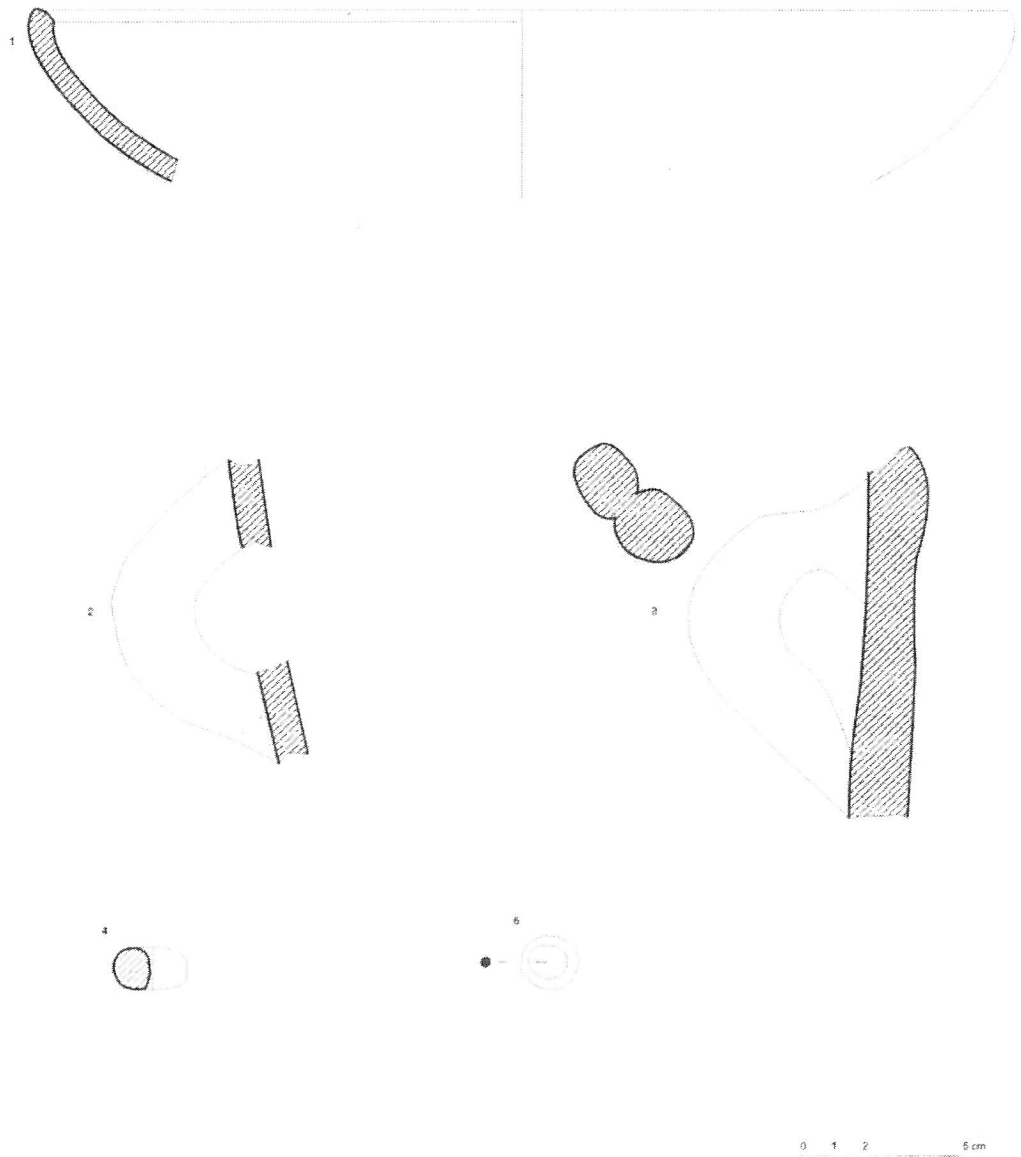


Figura 17. Cerâmicas proto-históricas do Morro de Mangancha.